ANO 11.º — Sexta-feira, 12 de Julho de 1918 — Numero 532

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redação e Administração, Rua Direita, n.º 54

VIVA A REPUBLICA FRANCÊSA!

O DEMOCRATA, associando-se ás manifestações com que este ano ê comemorado o glorioso dia 14 de Julho nos paises aliadofilos, dia que recorda á França um dos factos mais notaveis da sua historia revolucionaria, saúda a grande nação pelo denodo, pela persistencia, pela fé com que tem servido a causa da Liberdade.

HA 129 ANOS

A TOMADA DA BASTILHA

—(*)—

Versailles, diz Michelet, com um governo organisado, um rei, ministros, um general, um exercito, debatia-se, sem duvida, na incerteza, na mais completa anarquia moral.

Paris, desvairado, desamparado de toda a especie de autoridade legal, aparentemente desordenado, atingiu a 14 de julho o que constitue a mais profunda ordem moral, a unanimidade dos espiritos.

A 13 de julho, não pensava senão em defender-se. A 14, atacou. Na tarde de 13 ainda havia duvidas, na manhã de 14 já ninguem duvidava. A tarde fôra cheia de confusão e de furor desordenado.

A manhã foi luminosa e terrivelmente serena. Tomar a Bastilha apresentava-se como um impossivel. Comquanto fôsse uma velha fortaleza, apresentava-se inexpugnavel, a não ser que a sua rendição se intentasse com grande dispendio de tempo e numerosa artilharia. O povo, na conjuntura que atravessava, não tinha nem tempo nem meios de empreender um assedio regular. E ainda quando o levasse á efeito, a Bastilha nada tinha a receiar, pois estava abundantemente provida de munições de bôca e de guerra. As suas muralhas de dez pés de espessura na parte mais elevada das torres, de 30 a 40 na base, podia rir-se das balas por largo tempo, e as suas baterias, cujo tiro dominava Paris, teriam tempo de sobra, emquanto esperassem socorro, para arrazar todo o Marais, todo o arrabalde de Santo Antonio. As suas torres que recebiam claridade por estreitas janelas e seteiras, com duplicadas e triplicadas grades, permitiam que a guarnição fizesse com toda a segurança uma medonha carnificina nos assaltantes.

O ataque da Bastilha foi sómente um acto de fé. Ninguem o propoz. Mas todos crêram nele e todos cooperaram para a sua realisação.

A Bastilha não era, ao seu inicio, uma prisão popular. Data a sua existencia do ano de 1370. Pelo contrario, era uma prisão aristocratica onde os reis encerravam os grandes senhores, literatos e jansenistas, e só gente rica se podia ali sustentar. A Bastilha podia conter 42 prisioneiros, mandando para ali encerrados cêrca de 240, Luiz XVI em todo o seu reinado.

No decorrer do seculo XVIII o caracter da Bastilha transformou-se, aproximando-se cada vez mais das prisões modernas não só pelo tratamento dos prisioneiros, como pelo caracter dos mesmos.

A Bastilha foi tomada no dia 14 de julho de 1789, pelas 5 horas da tarde. Foi este o acontecimento mais notavel entre os que formam o preludio da revolução franceza. Uma multidão de muitos milhares de individuos correu de manhã aos Invalidos a procurar armas.

Como na Bastilha havia outro deposito de armas, gritou-se—*á Bastilha!*—e a onda extravasou para a celebre prisão, tomando-a depois dum combate em que ficaram mortos 98 populares e feridos 60.

Quem teve, pois, a dedicação, a força, a fé de pôr em acção tamanha tentativa?

O povo, toda a gente.

Os que tiveram a felicidade e a desgraça de presencear tudo quanto se fez nesse meio seculo em que parece que os seculos se amontoaram, declaram que tudo o que houve de grande e de nacional sob a Republica e o Imperio, foi apenas parcial, e que sómente o 14 de Julho foi o dia de todo o povo. Que a comemoração deste grande dia seja, pois, uma das festas eternas do genero humano, não só por ele ter sido o primeiro da libertação, mas tambem por ter sido aquele em que a união de vontades se manifestou no mais alto gráu.

Ao cabo de quatro horas de luta caía a Bastilha e o seu governador, marquez de Launay, com mais 124 homens de guarnição, foi chacinado e as suas cabeças espetadas em chuços, percorreram as ruas de Paris.

E' para lastimar que nesse dia glorioso o povo maculasse a sua vitória com a prática de taes actos; mas, é impossivel disciplinar a multidão, que durante longos seculos arrastou os seus grilhões e tornar em humanos e perfeitos os cidadãos que se sentem atónitos aos clarões da liberdade.

A' capitulação da Bastilha seguiu-se a do rei, e, quando Bailly apresentou as chaves da cidade ao monarca, proferiu as seguintes palavras:—*São as mesmas chaves que foram apresentadas a Henrique IV. Ele havia reconquistado o seu povo; agora o povo reconquistou o seu rei.*

E assim foi. O rei fôra conquistado de fórma a pagar com a cabeça a série interminavel dos seus erros e dos seus crimes.

A tomada da Bastilha, nas circunstancias em que se deu entre os abusos intoleraveis dum regimen em decomposição, teve como simbolo uma grande e legitima retumbancia na alma popular.

PROTESTAMOS

—(*)—

Sem compromissos politicos de nenhuma ordem; libertos da perniciosa influencia de disciplina partidaria; colocando acima de conveniencias de grupos ou de ocasiões, a intangibilidade dos grandes principios e do bom govêrno; difundindo a Liberdade em todas as suas multiplas manifestações, outras tantas sagradas conquistas da sociedade moderna, por todas estas razões e por muitas outras não nos podemos quedar silenciosos na presença da orientação governamental na mágna questão religiosa.

Agitar tão melindroso assunto quando absolutamente nada o exigia, foi um máu passo, um terrivel passo. E assim por nós concebido, neste caso, a acção do govêrno, condemnamo-la, como em tantos outros temos feito.

Nenhuma circunstancia de autentico interesse nacional imponha reatar as nossas relações com o Vaticano, esse *antro* dourado onde se espanejam entre purpuras e ouro, as aves agoureiras da reacção religiosa, permanente torpeço á evolução progressiva da humanidade.

Ainda que tal resolução seja exclusivamente considerada sob o ponto de vista de que apenas significa a prova de que o govêrno pensa, ou quer, o maximo de liberdade em materia de consciencia, os catolicos, os crentes, os religiosos em qualquer escala, possuem-na actualmente em tanta maior amplitude que certo não valeria a pena estabelecer o perigo, a perturbação que já se vai notando.

Se ha religiosos, ha livres-pensadores, ha ainda quem a muito pouco limita, na prática, as suas manifestações religiosas, mantendo-as, todavia, espiritualmente como unica e racional maneira de proceder e a todos cabe o direito de serem atendidos e respeitados. Assim, da aproximação realisada, resultará a nomeação de representantes diplomaticos e de aí a estada entre nós, dum agente graduado do Vaticano, que logo procurará, com a reconhecida tenacidade e paciente teimosia da reacção jesuitica, outras *conquistas*, novas transigencias de *liberdade religiosa*, tudo quanto possa concorrer, enfim, para a obtenção do eterno objectivo clerical: dominar, catequisando, de fórma a suplantar todos os outros poderes, esmagando os dissidentes da sua doutrina e da sua fé!

Como confirmação do que afirmâmos bastará lêr a imprensa reaccionária.

Os grandes servidores da seita agitam-se, as conferencias multiplicam-se e as exigencias—em nome da liberdade deles—borbulham e de tal maneira que, a satisfaze-las, equivaleria indubitavelmente á anulação completa de todas as conquistas da verdadeira liberdade de consciencia!

Mas não fica aqui o esboço do perigo que se nos antolha.

São postas na bôca e na vontade do Chefe do Estado palavras e decisões que são uma acerba ofensa aos principios liberaes do povo português e das conquistas do progresso nacional em materia religiosa.

Voltarem as congregações, estabelecerem-se de novo os coios reaccionários; surgir junto de nós a satanica roupeta do jesuita, é uma afronta de tal ordem que anulará, sem duvida, todo o prestigio e até todos os beneficios que da actual situação podéssem resultar para o país.

Não! *Pelo amôr de Deus*, não!

Sob a touca da irmã da caridade, das Dorotêas—as famosas *cocottes de bon Dieu*—do habito do dominicano ou do franciscano, pulsa o coração de um agente da seita negra.

Desde o marquez de Pombal se libertara o país legalmente dessa coorte que é um ultrage á Rasão, um insulto á consciencia, uma afronta ao proprio Deus.

A implantação da Republica confirmou esse principio enxutando, de facto, a magna caterva que assolava o país.

Reviver, estabelecer esse passado, é abrir um abismo seguido dos mais grâves, dos mais tremendos resultados. Erro o que já está feito, a ele se limite toda a acção nesse sentido.

Não podemos consentir o organismo que propaga e ensina—que **não é pecado matar o pae e a mãe para servir a Deus!**

Não, mil vezes não!

PELA IMPRENSA

"Correio da Feira,,

Encetou o seu vigesimo segundo ano de publicação este bem redigido semanário republicano evolucionista que, sob a direcção do snr. J. Soares de Sá, sáe na vila donde tira o nome.

Sincéros parabens.

"Concelho de Albergaria,,

Acaba de entrar no segundo ano, tendo deixado a sua direcção o novel bacharel Antonio Augusto de Miranda, que, em carta dirigida de Coimbra aos companheiros de redacção, declara não saber quando voltará a Albergaria-a-Velha; mas se voltar, promete ir munido dum chicote, porque se o tivesse, talvez não houvesse motivos para saír.

Grandes desgostos deve ter sofrido, o que não admira, visto a linha correta de conduta jornalistica mantida durante o lapso de tempo decorrido desde o aparecimento do jornal até hoje.

"A Patria,,

Recebemos os primeiros numeros de um novo periodico assim intitulado e que vê a luz da publicidade em Ponta Delgada (Açores).

Milita no partido democrata a cujo chefe presta homenagem.

"A Aguia,,

Os n.os 77 e 78, correspondentes a maio e junho, da conceituada revista portuense, inserem escolhida e variada colaboração tanto literaria como artistica, continuando a honrar a *Renascença Portuguêsa*, de que é orgão.

Recomendâmo-la.

A agua

—(*)—

Aveiro esteve na terrivel iminencia de ficar sem pinga de agua para o seu consumo e na impossibilidade absoluta de a poder conseguir de qualquer ponto de fórma a satisfazer uma das mais indispensaveis exigencias da vida.

A situação que dia a dia se tornou mais ameaçadora e grâve, mereceu, porêm, do sr. dr. Lourenço Peixinho, presidente da Comissão Administrativa Municipal, o cuidado correspondente e tomadas as devidas providencias e feito o respectivo exame foi acertadissimamente resolvido a suspensão da tiragem de agua em diversos poços de fórma a que ela não seja desviada em tão larga escala da sua nascente em proveito dos proprietarios, que, sem outra preocupação mais que atender ás necessidades da sua lavoura, faziam constantes e prolongadas tiragens.

Intimados a satisfazerem a determinação tomada, que á sua aplicação logo deu o mais completo resultado, alguns prontamente cumpriram, desmontando os respectivos engenhos. Mas outros, mais renitentes e estupidos, apezar da declaração de que seriam indemnisados de todos os prejuizos provenientes das medidas adoptadas, negaram-se a cumpri-la, pelo que foi necessaria a intervenção da força publica para acompanhar os empregados do municipio durante o trabalho que os proprietarios não quizeram realizar por si.

Louvando o cuidado e os esforços do sr. presidente da Câmara, tendentes a arredar uma situação verdadeiramente aterradora e de consequencias que não é facil medir, felicitâmos tambem os que não exitaram em cumprir o dever de se sacrificarem, anuindo prontamente ao que constitue um beneficio para a cidade inteira.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ribeiro.*

LARGO 14 DE JULHO

Pela Comissão Administrativa Municipal foi resolvido dar ao pequeno largo que ficou da demolição dos predios das *Cinco Ruas*, o nome que encima estas linhas, devendo as respectivas placas serem inauguradas depois de ámanhã.

Se em Paris, uma das suas arterias tomou a designação de—*Rua dos Portuguêses*—justo se torna que de identicas homenagens a França seja alvo, ela que tanto se tem sacrificado e está sacrificando pela liberdade dos povos.

O "Desertas,,

Proseguem com actividade, na Costa Nova, os trabalhos a que se anda procedendo para pôr a nado o grande vapor de carga, ex-alemão, calculando-se em perto de mil as pessoas empregadas na abertura do canal direito á ria, que lhe deve abrir de novo o caminho para o mar.

Póde ser, mas só vendo, como S. Tomé...

ANO DE FOME?

—(*)—

O calôr e a ausencia de chuva trazem imensamente preocupada a lavoura e com ela todos quantos se arreceiam do dia de ámanhã, formulando esta pergunta—teremos que comer?

Tivemos o inverno sêco, a primavera sêca e o verão nas mesmas condições se iniciou. Os poços estão quasi vasios, esgotados, porque as nascentes, donde brotava agua em abundancia, algumas, nem pinga deitam.

Numa palavra: a chuva nunca se tornou tão precisa como neste momento. Se viesse, já não era agua que caía, nem ouro, como muitas vezes dizem os lavradores, que do céu se despenhava: era pão, o pão de que todos carecemos e sem o qual ninguem póde viver.

Que a Divina Providencia tenha compaixão de nós.

Como nasceu a MARSELHEZA

—(*)—

A *Marselheza* conserva um éco de canto de gloria, e de grito de morte; gloriosa como a primeira, e funebre como a segunda, tranquilisa a patria, e faz empalidecer os cidadãos. Eis como nasceu:

Havia naquele tempo, de guarnição em Strasburgo, um oficial de artilheria chamado Rouget le Lisle. Nascera em Lons-le-Saunier, no Jura, país de sonhos e de energia, como sempre o são as montanhas. Amava a guerra como soldado, e a Revolução como pensador; encantava com os seus versos e a sua musica as lentas impaciencias da guarnição. Requestado por todos pelo duplo talento de musico e poeta, frequentava familiarmente a casa do barão Dietrich, patriota alsaciano, amigo de Lafayette e maire de Strasburgo. A baroneza de Dietrich e as suas amigas participavam no entusiasmo do patriotismo e da Revolução, que palpitava especialmente nas fronteiras, do mesmo modo que as crispaturas do corpo ameaçado são mais sensiveis nas extremidades. Estimavam o moço oficial, e inspiravam-lhe o coração, a poesia e a musica. Eram as primeiras a executar lhe os pensamentos apenas manifestados, as confidentes das balbuciencias do seu genio.

Corria o inverno de 1792. Reinava a fome em Strasburgo. A casa de Dietrich, opulenta antes da Revolução, empobrecera á força de sacrificios, a que as necessidades do tempo obrigavam. A mesa era frugal, porêm, sempre hospitaleira para Rouget de Lisle. O moço oficial assentava-se a ela á tarde ou de manhã, como se fôsse um filho ou um irmão da familia. Um dia, em que não havia na mesa mais do que pão de munição e algumas fatias de presunto fumado, Dietrich olhou para de Lisle, com triste serenidade, e disse lhe:

— Falta abundancia nos nossos festins; mas que importa se o entusiasmo não falta nas nossas festas civicas e a coragem no coração dos nossos soldados? Ainda tenho na dispensa a ultima garrafa de vinho do Rheno. Tragam-na—disse ele—e bebamo-la pela liberdade e pela patria! Dentro em pouco deve haver em Strasburgo uma ceremonia patriotica: é mister que de Lisle tire destas ultimas gôtas um desses hinos que levam á alma do povo a embriaguez donde saíram.

As senhoras aplaudiram, trouxeram o vinho, encheram os copos de Dietrich e do moço oficial até que o licôr se esgotou.

Era tarde.

A noite estava fria. De Lisle cismava, tinha o coração comovido, a cabeça escandecida. Apossou-se dele o frio, entrou, cambaleando, no seu quarto solitario, procurou lentamente a inspiração já nas palpi-

tações da sua alma de cidadão, já no teclado do seu instrumento de artista, compondo ora a musica, antes das palavras, ora as palavras antes da musica, e associando-as de tal fórma no seu pensamento, que ele mesmo não podia saber qual, se a nota se o verso, nascera primeiro, tã impossivel era separar a poesia da musica e o sentimento da expressão. Cantava tudo e nada escrevia.

Acabrunhado com a sublime inspiração, adormeceu com a cabeça encostada ao instrumento, e só acordou quando era dia. Os canticos da noite subiram-lhe confusamente á memoria como as impressões de um sonho. Escreveu-os, notou-os e correu a casa de Dietrich. Encontrou-o no quintal, cultivando pelas suas proprias mãos, alfaces de inverno. A esposa do velho patriota ainda não estava levantada. Dietrich acordou-a; chamou alguns amigos, apaixonados como ele pela musica, e capazes de executarem a composição de de Lisle. Uma das meninas acompanhava. Rouget cantou:

Allons, enfants de la patrie,
Le jour de gloire est arrivé;
Contre nous de la tirannie
L'étendart sanglant est levé!
Entendez-vous dans les campagnes
Mujir ces féroces soldats?
Ils viennent jusque dans vos bras
Egorger vos fils et vos compagnes!...
Aux armes, citoyens!
Formez vos batailions!
Marchons! Marchons!
Qu'un sang impur abreuve nos sillons!

A' primeira estrofe os rostos empalideceram; á segunda correram as lagrimas pelas faces, ás ultimas o delirio do entusiasmo rebentou. Dietrich, sua mulher, o joven oficial lançaram-se, chorando, nos braços uns dos outros.

Estava descoberto o hino da patria!

Ai! que devia ser tambem o hino do terror.

O desventurado Dietrich marchou poucos mezes depois para o cadafalso, ao som daquelas notas, nascidas no seu lar, do coração do seu amigo e da voz de sua mulher.

O novo canto, executado alguns dias depois em Strasburgo, voou de cidade em cidade repetido por todas as orquestras populares. Marselha adoptou-o para ser cantado no principio e no fim das sessões dos seus clubs. Os marselheses propagaram-no em França, cantando-o pela estrada. Daí lhe veio o nome de *Marselheza*. A velha mãe de de Lisle, realista e religiosa, assustada com o éco que tinha a voz de seu filho, escrevia-lhe:

— Que vem a ser este hino revolucionario, entoado por uma horda de bandidos que atravessa a França, e a que anda ligado o nosso nome?

O proprio de Lisle, proscrito na qualidade de federalista, ouviu-o, estremecendo, soar qual ameaça de morte aos seus ouvidos quando fugia pelas sendas do Jura.

— Como se chama este hino? —perguntou ao guia.

— A *Marselheza* — respondeu-lhe o campónio.

Foi assim que ele soube o nome da sua propria obra. Era perseguido pelo entusiasmo que semeára atraz de si. A custo escapou á morte. A arma volta-se contra a mão que a forjou. A Revolução dementada já não conhecia a propria voz!

PARLAMENTO

Está convocado para o proximo dia 15, segunda-feira, em que devem abrir, de par em par, as portas da representação nacional.

Serenamente aguardâmos o inicio dos trabalhos, a vêr, a vêr... o que sáe.

Scena de pugilato

Entre o medico dr. Lourenço Peixinho, presidente da comissão administrativa municipal e o secretário geral do governo civil, sr. dr. Melo Freitas, deu-se no domingo á noite um ligeiro conflito debaixo dos Arcos, que não teve consequencias de maior devido á rapida intervenção de amigos de ambas as partes.

Como temos ouvido comentar o caso de diferentes modos, abstemo-nos de quesquer pormenores, que, no entanto, pódem ser adquiridos sem dificuldade nos centros de cavaco ou da má lingua indigena.

Falando claro

—(*)—

Um dos mais antigos joonaes republicanos, a *Democracia do Sul*, de Evora, descreteando na sua edição de 4 do corrente sobre a politica feita em Portugal de ha sete anos a esta parte, escrev sob o titulo—*Tristes verdades*:

. . . .

Aos dirigentes da Republica, aos homens a quem durante sete anos esteve entregue a vida do regimen, que deviam tê-lo amparado e consolidado, criando-lhe forças e defêsas com que podêsse resistir aos inevitaveis embates dos seus inimigos naturais, cabem intactas as responsabilidades do que acontece.

A verdade é muitas vezes como os remedios amargos—dificil de tragar.

Pois a verdade diz-nos que esses homens falsearam os principios republicanos, ou torceram caminho na aplicação de alguns deles.

A propaganda republicana dissêra ás classes populares que a Republica seria o govêrno do povo, pelo povo e para o povo. Sete anos de Republica quasi desmentiram o que se apregoára.

De 1910 até agora, o regimen não recrutou, entre as classes populares indiferentes, o que a propaganda não conquistára, meia duzia de defensores.

E a verdade é que os factos consumádos teriam conseguido facilmente o que as palavras não alcançaram.

As belas promessas dos comicios e das conferencias, traduzidas em obras, teriam formado em volta da *Ideia* uma legião invencivel de defensores conscientes, amigos e agradecidos, com a qual a ridicula força—fraqueza, afinal—dos grandes senhores se não atreveria a medir.

Numéricamente nós, hoje, os republicanos, sômos os mesmos; menos até, se levarmos em conta os descrentes e os desanimados.

A mais, só temos comnosco a *ciganada andante* dos que correm de partido para partido ao sabor das suas conveniencias e da sua desvergonha.

A obra republicana, que devia ter dado resultados politicos muito mais positivos do que a propaganda, foi a tal respeito negativa.

E foi negativa porque a Republica, que se devia ter apoiado nos pequenos contra os grandes, porque assim mesmo se creára a sua força, mercê da direcção que lhe imprimiram os homens do govêrno, voltou para tráz ou, não se atrevendo a marchar por novos caminhos, enveredou, aos solavancos, pelas velhas estradas poeirentas da politica monarquica.

A ancia de fazer grandes partidos dementou os dirigentes republicanos.

Pouco se pensou na soberania popular; demasiadamente se reverenciou a vergonhosa soberania dos ricaços senhores das pequenas terras, comprando-lhes as votações, que hoje são do sr. Sidonio como ontem foram do nosso partido, pela conservação intacta do seu omnipotente poder na terrinha natal, onde continuaram a dar ordens aos administradores de concelho e aos funcionarios das Finanças, pondo e dispondo a seu bel-prazer do preenchimento das vagas em todos os logares publicos dos seus dominios.

No distrito de Evora, só, quantos exemplos destes! Em Reguengos, em Viana, no Redondo, em Mourão e em tantas outras pequenas terras.

E deste erro—deste crime todos os partidos, todos, foram culpados. Evolucionistas, unionistas e democraticos, todos são responsaveis por esta negação da beleza dos velhos principios do Velho Partido Republicano.

* * *

Em pról da Republica, alguma coisa se fez, é certo—nos primeiros mêses que se seguiram a outubro de 1910. Depois, pouco mais ou quasi nada; porque o pouco que se fez em leis e decretos, desfez-se por completo, com a criminosa anuencia de todos, na aplicação sofismáda dessas leis e desses decretos.

Continuou—é a verdade e bem alto é necessario grita-la—a protecção ao grande em detrimento dos sagrados direitos do pequeno.

A funesta consequencia de todo o mal feito aí está patente aos olhos de todos nós.

Reverenciando e adulando senhores, sacudiado, em seu proveito, aqueles onde poderiamos ter creado dedicações e amizades, nem conseguimos, sequer, chamá-los para o nosso lado.

Os que vergonhosa e criminosamente favorecemos são hoje os nossos peores inimigos.

Cospem, desdenhosos, na mão que se desonrou procurando as suas.

Que nos sirva ao menos de exemplo esta tremendissima lição, para que de futuro saibamos procurar os amigos onde eles devem estar, convencendo-nos, de vez, que as conquistas do progresso não pódem nunca sorrir áquelas que disfructaram sempre e ainda querem disfructar as vantagens e as honras do passado.

Só falta acrescentar que a *Democracia do Sul* se encontra filiada no partido do sr. Afonso Costa. E' portanto insuspeito o depoimento, que aqui se junta a tantos outros no mesmo sentido feitos e já arquivados pelo *Democrata*.

Quer queiram quer não os sectarios do democratismo, a verdade hade triunfar.

Notas mundanas

Acaba de contrair matrimonio com a sr.ª D. Maria Celeste Machado e Melo, interessante filha do snr. dr. Antonio Carlos da Silva Melo Guimarães, conservador do registo predial, o capitalista de Vila Nova de Gaia, sr. Antonio Dias Lopes.

Tanto o registo civil como a ceremonia religiosa tiveram logar no Porto, assistindo apenas as pessoas de mais absoluta intimidade dos noivos.

A estes, que fixaram residencia em Espinho, os nossos cumprimentos.

— Está perigosamente enfermo o distinto professor do liceu desta cidade, sr. João Castelo Branco Moniz Barreto.

A seguir á conferencia medica que teve logar ante ontem, o enfermo foi visitado pelo sr. dr. Daniel de Matos, que de Coimbra aqui veio.

Fazemos sinceros votos pelo seu restabelecimento.

Construções navaes

Proximo ás Piramides está sendo construido sob a direcção do sr. José de Lemos Samarrão, um enorme navio de quatro mastros e que passa por ser dos maiores que os nossos estaleiros teem produzido.

Ha dias estiveram a examiná-lo uns engenheiros que, como peritos, vieram de Lisboa, e em tão magnificas condições encontraram a obra já realisada que não exitaram, concedendo o diploma de primeiro construtor do país ao snr. Lemos Samarrão.

E' caso para o felicitarmos.

FESTEJOS

Anunciam-se para ámanhã e depois festas em honra da França que constarão, no primeiro dia, á noite, de descantes populares, por grupos de camponezes, que se exibirão no Largo do Rocio e no domingo, de alvorada por duas bandas de musica, almoço no Teatro em honra dos oficiaes francêses, passeio fluvial a S. Jacinto e á noite sessão cinematografica.

Como já tivémos ocasião de dizer não concordamos, no presente momento, com alguns numeros do programa, destacando dentre eles a parte folgazã e o almoço, que seriam aceitaveis noutra ocasião, mas que agora achâmos duma inoportunidade sem limites, duma incoerencia absoluta.

Em tudo o mais e especialmente na parte que tem por fim demonstrar quanta simpatia, quanta gratidão, quanta ternura nos inspira a França republicana, o *Democrata* acompanha os manifestantes.

Em toda a parte o mesmo

Duma carta de Coimbra inserta em o *Mundo*, de quarta-feira:

O tenente Sá Guimarães, que veiu a Coimbra para tomar parte no concurso hipico, retirou para Braga em virtude dos ferimentos que recebeu numa desordem que se deu na Avenida Navarro com elementos da classe civil, desordem que, segundo me informam, aquele senhor provocou.

Grupo de zarzuela

A'manhã deve estreiar-se no teatro Peninsular, na Figueira da Foz, um grupo de amadores, que como aquele que aqui tivémos—*Tricanas e Galitos*—levará á scena várias zarzuelas.

E' um dos organisadores o snr. Manuel Dias Soares, que em todos os espectaculos aqui realisados, veio tomar parte na orquestra como primeiro violino de que é distinto executante.

A estreia é feita com a representação da *Pastora* e do *Neofito*, tendo sido convidado a tomar parte neste espectaculo o nosso patricio Aurelio Costa, que desempenhará os papeis que nessas saudosas noites tão correcta e distintamente aqui fez, concorrendo com os seus reconhecidos méritos e recursos—naquele género—para os triunfos alcançados pelo grupo.

Fazemos votos para que robusteça nos seus novos trabalhos o seu valor, conquistando tanto para si como para os outros companheiros de agora, merecidas palmas e abundantes aplausos.

PIOR DA... PERNA

—(*)—

Agravou-se, contra toda a espectativa, o estado de saúde da ilustre escritora e raro exemplar das letras de... imprensa—a snr.ª D. Maria do Sacramento.

Por esse motivo houve ontem uma conferencia em que tomaram parte, além do medico assistente, o snr. dr. Perdigão, o snr. dr. Flores, veterinario de cavalaria 8, e um colêga, de quem não conseguimos apurar o nome, mas que pertence á guarnição do Porto e que dali veio em comboio especial, requisitado pela Sociedade Protectora dos Animaes.

O alarme no mundo literario é enorme, porque além da ilustre enferma estar muito pior da perna, apresenta alarmantes indicios de alienação mental, não consentindo a cabeçada nem os capacetes com gelo que ultimamente lhe teem sido aplicados. Tem alucinações, espasmos; solta sons que se não pódem classificar a que especie possam pertencer e entre outro tratamento a aplicar, parece que a primeira coisa que lhe fizeram foi prende-la... mais curto...

Continuâmos a fazer votos pelo restabelecimento da enferma, para quem a irmandade do Santissimo pediu a benção a Monsenhor Ragonesi, nuncio em Madrid, actualmente em Lisboa. Se, porêm, tiver retirado, vem a benção do Masella, visto que de grande *masêla* se trata...

O canudo

Nesta época em que até a sucata vale um dinheirão, ainda a Câmara conseguiu vender por 25:050$00 o chamado *Mercado Manuel Firmino*, o qual foi adquirido, juntamente com o terreno, por um grupo de que fazem parte os srs. dr. Joaquim Peixinho, Alfredo Esteves, Henrique Rato, Manuel Barreiros de Macedo e João Trindade.

Não se tornou conhecido ainda o destino que irá ter o ferro velho, mas o que se sabe é que dentro em bréve teremos o local desobstruido de aquele monturo.

Parabens á estética.

PESCA

Nas costas do litoral teem as companhas arrastado ultimamente bastante conduto, pelo que o seu prego baixou ao alcance de todas as bolsas.

Falta a borôa. E ficaria garantido o sustento dos menos exigentes.

NECROLOGIA

Faleceu na segunda-feira ultima, nesta cidade, o snr. Alfredo Marques Pereira de Oliveira, 1.º sargento de infanteria 24, regressado ha pouco de França para onde partira com aquele regimento em fevereiro do ano findo.

Intoxicado com gazes asfixiantes, foi julgado incapaz do serviço e mal diria ele que passados tempos, não tendo caído no seu posto de honra, as torturas horriveis duma meningite cerebro-espinal lhe aniquilariam a existencia, matando-o após cruciante e dolorosissimo sofrimento durante dias, que foram para os seus seculos de pavorosa angustia.

Morre novo— com 32 anos—deixando tres filhinhos de tenra idade e um quarto que não chegará a conhecer o autor dos seus dias!

Era casado com a sr.ª D. Maria do Céo Miranda de Mendonça e Oliveira, natural de Albergaria-a-Velha.

A' desolada viuva e a seu irmão, o nosso presado amigo e honrado negociante desta praça, sr. Pompeu da Costa Pereira, apresenta o *Democrata* o seu cartão de pêsames.

CORRESPONDENCIAS

Costa de Valado, 10

Acha-se marcado para o dia 27 do corrente o julgamento, em audiencia de juri, do filho do snr. Antonio Ferreira Canha, da Povoa de Valado, acusado de comparticipação no assassinato de David Coutinho. Houve por muita gente duvida, atendendo aos antecedentes do rapaz, um dos mais bem comportados do logar.

Consta que virá defende-lo o talentoso causidico de Lisboa, snr. dr. Antonio Macieira.

= Por falecimento de seu pae, encontra-se de luto o nosso amigo snr. Guilherme Francisco Luizo, de Nariz, a quem enviâmos condolencias, extendendo-as a seus irmãos e demais familia ferida pelo lugubre acontecimento.

= Vindo do *front*, sabemos ter chegado a Lisboa o nosso conterraneo sr. José Rodrigues Ferreira, que aqui gosa de geraes simpatias.

= Tambem de Loanda regressou ao cabo de alguns anos de ausencia, o sr. Antonio de Azevedo Lopes, a quem dâmos as boas vindas.

= No logar da Povoa, freguezia de Requeixo, deu-se de sabado para domingo o quer que fosse de anormal, visto ter chegado até nós o boato dum ferimento de que se está tratando o regedor Armando Rodrigues Ferreira, atingido por uma navalhada que o deve impossibilitar de trabalhar alguns dias.

Não possuimos pormenores que nos habilitem a um mais largo relato do acontecido.

= Foi, no geral, bôa a colheita de trigo por estes sitios, indo a produção alem da espectativa de muitos.

Quanto aos milhos estão em grande parte perdidos por falta de chuva, só se salvando, talvez, os que tiverem agua de réga para se alimentarem.

E' o caso: sobre uma calamidade outra calamidade.

= Do concelho de Mira acabam de chegar duas raparigas para serem tratadas pelo sr. dr. Abílio Marques, cuja fama, como clinico, dos mais conscienciosos e abalisados, está hoje espalhada por fórma a não lhe permitirem sequer, um momento de descanço.

Uma honra para ele, para a sua terra, para a nossa freguezia—Oliveirinha —para o concelho, para o distrito.

= Consorciou-se com uma esbelta moça, filha do abastado lavrador e proprietario de Vale Diogo, Manuel Diniz, já falecido, o sr. David Manuelão, simpatico rapaz da Oliveirinha, onde é muito estimado pela soma de predicados que nele concorrem.

Dando os parabens aos noivos, fazemos os mais sinceros votos porque tenham uma prolongada lua de mel.

= Um grupo de rapazes e raparigas tem andado a ensaiar-se para, no proximo sábado, á noite, ir a Aveiro dançar e cantar num festival que se anuncia de homenagem á França.

Irá daqui muita gente assistir á exibição.

= Continúa a estiagem, tendo havido dias de calor ardentissimo, insoportavel. Ontem soprou rijo vendaval o que deve ter causado ainda mais prejuizos agricolas.

C.

Juizo de Direito da Comarca de Aveiro

Éditos de 40 dias

(1.ª PUBLICAÇÃO)

POR este Juizo de Direito, escrivão Marques, segue seus termos uma acção de divorcio que Maria Dias Ribeiro, domestica, residente em Requeixo, desta comarca, move, com o beneficio da assistencia judiciaria, contra seu marido Fernando Sequeira Pinto, sapateiro, ausente em parte incerta do Brazil, com o fundamento do n.º 6.º do artigo 4 do Decreto de 3 de Novembro de 1910; e por isso correm éditos de 40 dias a contar da 2.ª e ultima publicação deste anuncio, citando aquele réu para, na 2.ª audiencia deste juizo posterior ao termo dos éditos, vir acusar a citação, seguindo os mais termos da acção.

As audiencias neste Juizo fazem-se na sala do Tribunal Judicial, sito á Praça da Republica, desta cidade, pelas 11 horas de todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, ou nos dias imediatos, sendo aqueles feriados.

Aveiro, 6 de Julho de 1918.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Pereira Zagalo

O escrivão,

Francisco Marques da Silva